

RUÍDO BRANCO

ANA CAROLINA





RUÍDO
BRANCO
ANA CAROLINA



RUÍDO BRANCO **ANA CAROLINA**



Prefácio

Não conheço ninguém que seja tão bem um outro quanto Ana Carolina. Ela é um outro sempre que procuro Ana Carolina, talvez seja Ana Carolina quando procuro o seu outro. Mas ela não desiste de nos confundir. É capaz dos mais lindos paradoxos e das mais estranhas certezas.

*De mim, estou alheio
Enquanto meu desejo de ser outro
me atravessa em cheio*

O tempo muda de acordo com a percepção. Pensar diferente faz com que se ame diferente. Ana quebra as aparências: o chão do segundo piso é o teto do primeiro. Ela enxerga o desvio, enxerga o que não cogitávamos, que todo velho avô é órfão.

Ruído branco não é obra de iniciante, mas de veterana da escuridão. Sua estreia já nasceu antiga, como antologia. Parece escritora comemorando vinte anos de carreira. Ela pode passar o discurso de que não tem nenhuma pretensão, de que está brincando, de que são versinhos. Não caia neste papo de humildade. Ou o poema sangra ou o poema corta, não há meio-termo na passionalidade lírica de AC. Ou é quente ou infernal.

*O homem que há em mim
se apaixonou perdidamente pela mulher que sou*

Talvez o objetivo da vida – Ana aponta seu lápis de olho – seja merecer a dor e honrar a alegria. Ou encontrar uma onda que tenha o nosso número. Ou não confundir o espelho com uma porta.

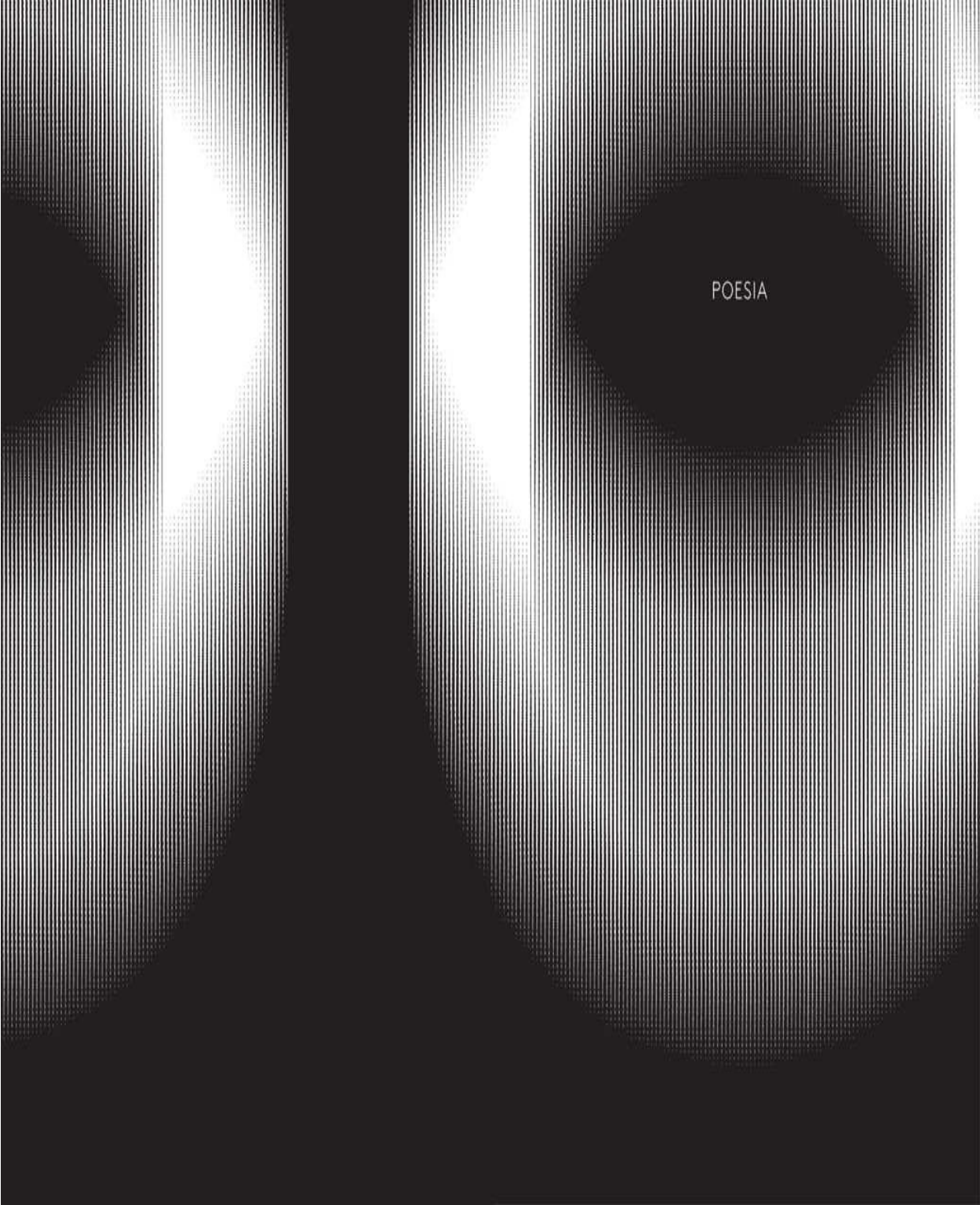
Entre o vivido e o não vivido, a solidão olha. E olha demoradamente para entender quem é que escreve: a Ana do palco ou a Ana da plateia.

O que sei é que quando está com fome, ela canta. Quando está com sede, ela pinta. Mas quando deseja devorar alguém mesmo, ela é poeta.

Fabrício Carpinejar, escritor

Government	Percentage
Current government	85%
Previous government	15%





Não leiam

Não nasci em Montreux
Não me chamo Nicolas Behr
Não pretendo lançar um livro até o fim do ano
Não gosto de todos os tipos de música
Não sou poeta, não sou marginal, nem poeta marginal
Não existem versões francesas de músicas minhas
Não imito ninguém
Nunca fiz promessa pra Santo Antonio
Nunca realizei um estudo científico no laboratório
de Los Alamos
Nunca visitei a biblioteca de fitas no centro de computação
de Feynman
Não fiz uma viagem romântica até o Havaí com a Beyoncé
Eu não introduzi a soja chinesa no país
Eu não me convidei para um ménage
Eu não recusei um convite por medo de decepcionar duas
ou mais pessoas de uma vez
Eu não contratei um dublê pro meu filme
Não sou capricórnio, sou virgem
Nunca atirei uma pedra num lago calmo
José Luís Peixoto nunca fez uma poesia pra mim
Não abri um bar nas margens do rio Tevere
Nunca fui a Istambul
Nana Caymmi nunca cantou uma música minha
Não sou mãe
Não me responsabilizo por nada que faço
Nunca sei o que querem de mim de verdade
Não baixei o aplicativo Color Effects
Não sigo Justin Bieber no Twitter
Não leiam isso

Onda

Rasguei meu terno.

Pulei no mar.

Veio uma onda exatamente da minha altura
contornando todo o meu corpo
e tirou a medida pra um terno novo.

Eu e eu

Ele me segue com o pensamento
como se de lá de dentro avistasse minha aflição
Procura uma fraqueza qualquer em mim
Escuta meu silêncio entrecortado
como se eu falasse atrás de uma porta fechada
Adivinha minha dor
que às vezes pareço merecer
como se nela houvesse um olho mágico
com o qual ele me enxerga bem melhor do que eu mesma
Ele é um radar
Ele está num estágio de mim mais avançado que eu
Ele é o outro aqui dentro
que às vezes fica me relando até o pau endurecer
embaixo das cobertas
O homem que há em mim
se apaixonou perdidamente pela mulher que sou

Desejo

Atravesso ruas calmas
Vou pelo passeio
Às vezes me canso dos meus cabelos
das minhas roupas
Me canso do meu jeito
Até de alguns amigos que amo muito
Seria foda poder sair pela rua como um homem de cabeça
branca e terno
Ou ser o cara da lan house falida
ou até a criança acalentada no colo da mãe
Passeio calmamente com meus olhos, meus sapatos,
meu passado, meu esquecimento, meus anseios
Atravesso ruas calmas
De mim, estou alheio,
enquanto meu desejo de ser outro
me atravessa em cheio

1992

Numa alucinação matinal,
abro meus olhos em 1992.
Vejo minha mãe subindo as escadas
da nossa casa.
Chego a escutar o portão bater atrás dela.
Ela passa por mim e me chama hoje em 2016
com a voz cansada.

Voo

A dor é um barco
Se tivesse dor
faria a travessia para o outro lado de si mesma
Quando canto, as memórias levantam voo de mim

Alguma explicação

Passos no escuro
O escuro tem outro escuro dentro
Ansiedade apagada
Uma cadeira me encontra
Já estou sentada. Pensando
Entre o vivido e o não vivido
A solidão me olha
quer alguma explicação
Lá fora nenhum clarão
Tocando as mãos da madrugada
estrelas contadas

A dor me acorda com seus rangidos
e me leva onde nunca fui
Me abraço com os braços das horas

O tempo quer alguma explicação
Atravessando a fumaça lá fora
meus sonhos levantam
entram pela porta
e mesmo ao meu lado
não me fazem companhia

Então eu volto de tudo olhado

De novo me reinvento
Me despeço do passado
Sou um arrependimento
Passos no escuro
O escuro tem outro escuro dentro



Outro

Neste quarto cheio de espelhos
há outro quarto
que arma com incerteza
um sigiloso teatro de mim
comigo mesma

Salto

Ela escuta minha música
enquanto chora
Salto do mp3 para o seu colo
e ela me consola

Pra ela

No começo bebíamos champagne
Eu aprendi que ela prefere vodca com caju
No começo suas roupas eram coloridas
Hoje prefere o branco e o preto
No início ela gostava de poesia
Hoje ela é apaixonada por poesia
Então resolvi perguntar coisas que ainda não sabia:
Qual é a temperatura ideal pra você?
Quantos graus são necessários para medir a sua felicidade?
A temperatura do seu braço, me respondeu
A temperatura da sua pele
Não há outra solução a não ser ficar com ela abraçada pra sempre

Suíça (passaporte)

Tenho meu e-ticket
Meu violão e uma mala de mão
Na alfândega o inspetor abre meu
passaporte
Olha meu rosto
Olha a foto do passaporte
Eu olho pra ele
Olho minha foto no passaporte
Eu não sou aquela mulher na primeira
folha
Me procuro nas folhas seguintes
e também não estou
Não sei onde me dei um fim
Fiquei em algum lugar distante
E nunca mais voltei a mim

Acidente 2001

20 pontos na cabeça
Lado direito do rosto roxo
Lado direito da cabeça raspado
Platô tibial da perna esquerda quebrado
3 meses de cadeira de rodas
1 curativo na boca
1 caco de vidro restou no meu antebraço
Quando retiraram o caco,
o último vidro que restava em meu corpo,
vi que uma parte de mim
ficou deitada naquela avenida eternamente

Sonho

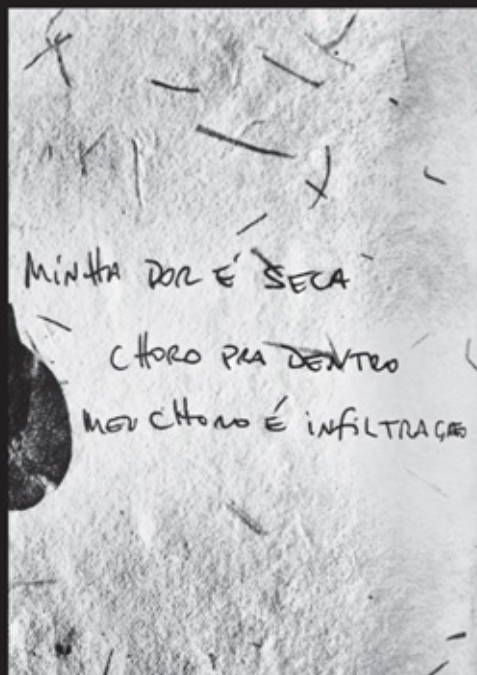
Sonho com um peixe humano me dizendo oi
e fujo por entre as catracas do metrô
Faço um aceno à minha avó
Ainda viva, sorri pra mim
Chego em Juiz de Fora
Subo a Braz Bernardino até a Rio Branco
Abro a porta de um prédio, meu psicanalista é o porteiro
Me pergunta onde eu vou
Digo que vou até a minha infância
Ele avisa a minha infância que estou subindo
Abro a porta do elevador, o ascensorista é meu pai
Nada me pergunta
Ele aperta um andar e eu vou com ele, quieta
Chegamos no andar, ele abre a porta e em seguida
desaparece
Vejo uma sala vazia com 2 homens conversando na janela
Quando me aproximo deles, serão meus filhos e me
abraçam

Andaime

Vou pela rua a passos rápidos
A criança perdida que fui me persegue
Não olho pra trás
Entro no primeiro ônibus
Por tristeza a procuro, pouco antes de descer
Ela vem logo atrás
Sigo pela rua e todos se perguntam quem é aquela menininha
sozinha andando na rua. Será que está perdida?
Quanto mais ela me segue, mais se perde
Subo em um andaime
O andaime sobe por entre os andares
A menininha fica lá embaixo parada, olhando pra cima,
e grita:
Pode subir! Eu estarei aqui te esperando
Ao pular, suas palavras tremulam em mim como um lenço
perdido ao vento



Seca



Fora de hora

Fim Fora de Hora
traz Pensamentos
Fora de Hora

Me vejo Beijando minha filha
Pequena antes do colégio
filha que talvez eu não
tenha
que cara eu tenho?
Melhor tomar um frontal

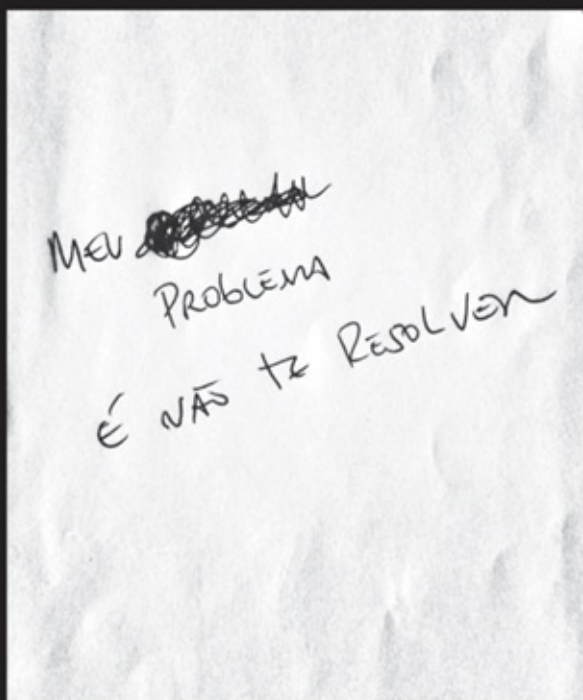
Samba

Como era a melodia ~~da~~
daquele Samba que eu ouvia
quando ~~criança~~ ? ~~da~~
Aquele Samba que eu não ~~lembrava~~
mas não me sai da lembrança

Telefone fixo

telefone fixo
Nas ATENDE AS MEUS DESEJOS
E ainda tira meu coração do peito

Meu problema



Palavras

NÃO VOU FALAR +
SOBRE ELA
NÃO VOU SUBMETÊ-LA
AS PALAVRAS +

Rotatória

A roda do último carro faz seu último retorno
A vida inteira já não basta
Discuto comigo e sempre perco, não tem jeito
O espaço entre nós é excessivo ou muito estreito
Quem olha pra mim não volta cedo
Em toda felicidade existe uma tristeza quieta
Vi as feridas que abri em mim pra me curar
A cidade escorre em suas lágrimas
Lá longe um caminhão abastece
Agora você sabe quem eu sou e por isso me desconhece
Minha saudade percorrida pela eletricidade
chorando um pouco demais
quase ultrapassando a sua causa
O tempo pra mim se faz cedo
Seus olhos escondiam todos os segredos
O tempo não me desperdiça
Vi que em mim morava uma multidão
nem mil madrugadas poderão me salvar

Recolho suas lágrimas com o dedo
Cada melodia é um vidro que corta
Ninguém jamais irá lhe devolver
o espaço ocupado por suas desculpas
Não rezei, não pedi, não fiz nenhuma prece
Agora que você sabe quem eu sou, me desconhece
Que mais me posso vencer
Seu perdão não para de doer
Exausta de carregar a tempestade
O dia já havia entristecido tudo
Como um choro ao contrário
o mar me entra pelos olhos
Não sei o que te invento
A noite me arremessa pra longe de mim
O dia me esquece
Só agora você sabe quem eu sou e por isso me desconhece

Discretamente

Olhando a minha sombra na parede
vejo discretamente
saírem 2 velhas
do meu pensamento
Andam silenciosamente
segurando um lampião
Uma vai mais à frente
A outra não se preocupa
Elas inventam ausências em minha volta
Eu invento asas no lugar dos seus braços
Elas voam pra muito longe
Enquanto me abaixo pra pegar a vela
minha sombra aumenta na parede
Uma tempestade se aproxima
Elas voltam
Fecho as janelas
Elas se assustam com suas sombras
na parede de lembranças
E pensam em si mesmas como se fossem estranhas

41 anos

De mim me desencontro
sinto como uma criança
e me sinto como uma anciã
Chovo, sou eu minha neblina
Estou onde tudo em mim escurece
Resta uma voz da infância
que ficou lá e ainda sou eu
Uma secreta voz
que me liga à velha que serei
Aos 41 anos tenho todas as idades
Será que já passei da metade?





Firenze

Galeão + sala de embarque + avião.

No meu pensamento duas possibilidades se alternavam:

Avião = a cair

Avião = a não cair.

Fiquei uma hora nesses 2 pensamentos.

Até que peguei um Frontal, parti ao meio e tomei. No segundo seguinte, achei uma bobagem tomar só meio e resolvi tomar a outra metade.

Na primeira queda livre do avião meu nariz fechou completamente, foi aí que tive um momento de iluminação, tomei um Celestamine inteiro! Resolvido!

Mas a mistura do Frontal com Celestamine me deixou parecendo uma pluma alegre quase bestial, as turbulências não incomodavam, pelo contrário, me faziam rir e, quando eu já estava a ponto de fundar no avião uma seita

Fraternidade e Amor tipo Nirvana e Samadhi, cáí no sono.

Cheguei em Firenze às 16 horas do dia seguinte.

Descobri que minha mala tinha sido extraviada.

Saí à espera de encontrar alguém segurando uma placa com meu nome, no caso o motorista que me levaria até o hotel, como combinado. Mas me deparei com a prefeitura de Paquetá no feriado, 2 ou 3 pessoas soltas sem placa e sem o menor interesse em me ajudar.

Peguei um táxi com uma motorista simpática de uns 50 anos mais ou menos, quando entrei no carro, havia um cheiro insuportável de cigarro, misturado com cheiro de cachorro molhado, misturado com peido de velha depois de um festival de torresmo.

Pensei em desistir mas ela foi muito solícita e além do mais já tinha colocado minha mala de mão no porta-malas, então resolvi encarar aquela merda e pensei em perguntar o porquê daquele carro ter aquele cheiro tétrico. Foi quando vi uma imagem de São Francisco de Assis pendurada no espelhinho do carro, um dos meus santos preferidos. Pronto!

Foi o que bastou pra que eu perdesse toda a coragem de falar o que havia combinado comigo mesma.

Resumindo, não só não falei absolutamente nada, como fizemos amizade e combinamos de ela me buscar e me levar ao centro histórico mais tarde.

Resultado, ela apareceu pra me buscar no final do dia, como combinamos, só que na parte detrás do táxi, estavam o filho dela de 17 anos fumante, seu

cachorro e sua avó que, por algum motivo, pegariam carona na minha viagem. Não preciso dizer que paguei a corrida, mas desci na primeira esquina alegando uma enxaqueca repentina.

Dali por diante parei com a história de táxi.

Após tantas intempéries, o ar puro e o sol maravilhoso daquele final de tarde foram um presente. Apesar de já conhecer Firenze, andar novamente pelas margens do rio

Arno, assistir aos fios de sol passando por entre o arco medieval da ponte Velha foi deslumbrante.

O primeiro dia foi ótimo.

A partir do segundo dia eu já estava bastante em contato comigo mesma, digo, bem perto do que havia de primitivo em mim, de quem eu era lá no fundo.

Achei ótimo, afinal fiz essa viagem pra ficar sozinha.

Resumindo, era eu ali. Só. Sem conhecer ninguém, me desligando totalmente das ciladas do cotidiano, que incluem a expectativa dos outros, os personagens que criamos pra nos livrar dos outros e, sobretudo, de nós mesmos, as pressões da persona pública.

Acaba toda a teatralidade que nos serve muitas vezes de bengala.

Eu sentia que precisava me conter e me soltar.

Conter o que em mim havia em excesso e libertar o que estava escondido por medo ou por covardia.

Andava muito, sempre passava em frente à Catedral da Arquidiocese de Firenze, mais conhecida como Duomo.

A palavra “duomo” deriva do latim “domus”, que significa casa.

Il Duomo è la casa di Dio e del suo popolo (Duomo é a casa de Deus e de seu povo).

Sobre a porta de entrada da Duomo há um relógio gigante acertado de acordo com a “hora itálica” (hora empregada na Itália até o século 18 e que dava o pôr do sol como o início do dia).

Eu consegui viver ali por um tempo sobre os parâmetros da hora itálica, tendo o pôr do sol como o início do dia, andava, observava as pessoas, os costumes locais, e desembocava na Piazza della Signoria, sempre cheia, nacionalidades diversas, espalhadas em grupos, crianças, velhos, pessoas solitárias. Uma das minhas praças preferidas de Firenze não só por nela estar a cópia de David, mas por sua importância histórica. Ali, o padre Giovano

Salvonarola, na Idade Média, foi enforcado e incinerado por não aceitar as ordens da Igreja.

Em frente ao local que Salvonarola disse adeus ao mundo, eu me sentava e começava a escrever, tomava uma taça de vinho e escrevia, escrevia e só

retornava ao hotel de madrugada.

Tutti il giorni.

Quando o relógio tocava 1 da matina.

Ia embora.

A pé.

Muito do que eu pensava eu escrevia no meu caderninho, quando não escrevia, eu entulhava os pensamentos na cabeça e os guardava como se guarda engradados.

Os dias se passavam e eu caminhava bastante ganhando outras ruas, fui pro lado oeste descobrir outros lugares, fui na Academia de Belas Artes, que já conhecia, mas queria só dar mais uma olhadinha no David de Michelangelo, original.

A beleza da cidade é e sempre foi comovente.

Os dias seguiam e eu tocava silenciosamente pensamentos que haviam se solidificado dentro de mim e, por alguma razão, ali se elaboravam. Fluidificavam.

Minha solidão aos poucos cuidou de reorganizar alguns traumas e pensamentos, a ponto de eu nem perceber que estava resolvendo coisas antiquíssimas.

Vez por outra, chorava na ponte Vecchio.

Chorava angústias passadas, que por caminhos sinuosos se somavam às angústias recentes.

Chorava os sonhos que, por descuido, jamais pensei em realizar.

Chorava meus erros mais silenciosos, aqueles que não contei a ninguém.

Chorava por aquilo que fiz e me arrependi.

Chorava pelo que jamais irei ver ou sentir.

Chorava por ser alguém tão esperançosa.

Chorava pela alegria que me acometia de repente.

Chorava meus excessos e faltas.

Chorava por estar ali tão só comigo.

Chorava por ser tão só, mesmo quando rodeada de gente.

Olho o relógio, 1 da matina.

Hora de ir embora.

A pé.

Meias-irmãs

Uma com olhos incrivelmente azuis
me beijava levemente o pescoço.
A outra beijava minha orelha
com sua boca carnuda e seus olhos negros.
O quarto a meia-luz
e a luz dos faróis dos carros passando
entrecortavam as imagens,
num vaivém frenético durante a noite.
Uma com o perfume mais suave.
Outra com perfume forte de couro.
A de unhas compridas me acariciava as costas,
a de unhas curtas me acariciava a frente.
A boca da morena confessava seus desejos em meu ouvido.
A de olhos azuis tinha total controle sob os meus.
Eram meias-irmãs.
Juntas somavam menos de 40 anos.
Seus gemidos pareciam uma orquestra com variedades
de sons. Seria capaz de colocar todos eles em um pen
drive de gemidos
e os levaria comigo.
O calor começou a aumentar numa temperatura que os
graus não medem.
Minha coxa na coxa da que parecia mais nova, um beijo
lento.
De beijo em beijo descendo.
Umbigo.
Minha língua em febre.
Descendo.

Não faço rápido no início.
Dou beijos leves, carinhosos.
Depois a língua terna e firme.
Alternando a pressão.
De tão leve, ela rapidamente se derramou de prazer, sentindo a violência
espontânea do gozo. La petite mort.

Enquanto isso sua meia-irmã já estava dentro de mim sem força, sem brutalidade e com um charme que poucas vezes vi.

Conseguia me dominar e me olhar sem desviar.

Me encarava com os olhos fixos de quem tem uma doença psíquica, aumentava o ritmo sem modificar em nada sua expressão.

Fazia assim, de um jeito extremamente sexy.

Algo sem explicação.

Senti um fio elétrico ligado em meu corpo e que se ligava aos fios elétricos da rua e aos cabos de conexão... Me fazia lembrar transas antigas, desejos secretos, músicas, fetiches.

Lembrava praias, vinhos, noites viradas de paixão.
Quando vi já estava na cama com duas bocas em mim.
Que se moviam por dentro do meu desejo.
Uma delas parecia ter uma fogueira em seus lábios,
quando chegay ao gran finale.
Me levantei ainda no clímax, pois ir embora
parecia tão prazeroso quanto me derramar ali com elas.
Sofrendo espasmos vesti a roupa.
Cheguei a ter que me encostar na parede ao lado da porta.
Deliciosamente saí por ela.
Pela meia-luz do corredor.
Nunca mais as vi.
Não sabia sequer os nomes.
Mas sem dúvida nenhuma eu, naquela manhã, fui a primeira mulher do mundo a ver um arco-íris no céu.

Ausência

O vizinho me olha da janela em frente.

Abro mais ainda as cortinas e vou pra dentro. Pra que ele veja com clareza a minha ausência.

Me escondo.

Fico no corredor. Parada. Encostada na parede. Inerte.

Os pés frios.

Basta uma virada de pescoço e já posso ver o vizinho de novo, mas agora já são 2 na janela me olhando.

Volto o rosto para o corredor. Não me mexo. Fico paralisada do pescoço pra baixo. Pareço estar nessa posição há anos.

Estou envelhecendo junto à infiltração na parede.

À minha volta, deve haver um campo minado. Basta um passo errado para que eu, a parede e os 2 que me vigiam explodam.

Olho de novo e agora são 3. 2 homens e 1 mulher na janela.

Me viro rápido pra que eles não me vejam, mas eles me veem mesmo assim.

Por que me olham?

Eu não pretendo nada.

Estou como quem ergue um castelo de baralho e o derruba depois de colocar a última carta.

Não tenho gestos, nem finalidade.

Aqui, parada, atordoada, não sigo o rigor das horas. Só penso. Só existo por dentro.

Me misturei com a parede. Pele com cimento. Frieza com reboco. Concreto com apatia. Tijolo com indiferença.

Tento pensar em outra coisa. Mas apenas me comovo com uma faca enferrujada em cima da pia.

Do que me defendo?

Eu sou essa coisa na parede.

A faca na pia faz mais sentido do que eu.

Olho de novo e agora são 4.

Volto o rosto em pânico pra dentro. Só me vêm restos de memória. Passado longínquo. Não me recordo nada de agora. Só me lembro de quem eu era.

Tento colocar a mão na minha cicatriz, embaixo da boca, pra ver se ela está lá. Está.

Taquicardia com rejunte.

De repente, num susto, lembro da minha tristeza. Essa que carrego nos braços e vai comigo aonde eu for.

Sem ela não vivo. Tenho medo que ela fuja de mim.

Pela fiação da parede ou pelos canos hidráulicos.

Viro e olho de novo pra janela.

Não há janela.

Não há ninguém.

Só a lembrança de quem eu fui.

Amsterdã

Primeiro e único dia em Amsterdã, aterrissei e fui direto pro hotel pois não me sentia bem.

Passei o dia todo no quarto pensando como seria Amsterdã.

Tive a ideia de me conectar e ver Amsterdã pela internet.

No dia seguinte cedo fui pra Londres.

O dia em que conheci Amsterdã em um quarto de hotel em Amsterdã.

Beleza roubada

Horas e horas caminhando pela sala toda forrada de jornais, mil latas, pincéis espalhados e o cheiro de tinta impregnando tudo.

Eu me concentrava no modo com que algumas cores se envolviam, sobretudo na aspereza das lonas no chão.

Até que minha concentração absoluta se somava às ásperas lembranças furtivas do inconsciente.

Joguei o vermelho na tela de um modo agressivo.

Em mim voltava a lembrança da sensação de ser uma garotinha no salão de cabeleireiros de minha mãe. Eu me lembro que muitas mulheres escolhiam o vermelho. A cor vermelha chamava a atenção para as unhas bem-feitas e cuidadas, pra que ninguém reparasse no que elas se descuidavam ou no que elas queriam esconder.

Lancei outro borrão de vermelho no quadro, pois o que eu tinha pra esconder não havia vermelho que bastasse.

Com todo o impulso da força do meu braço lancei a tinta, que bateu fazendo inúmeras rajadas de vermelho no lado direito de quem olha. Isso me alegrou. E me alegra até hoje quando olho. Morro de ciúmes desse quadro, assim como morro de ciúmes da mulher que amo com as unhas pintadas de vermelho.

Mais abaixo vejo 2 rostos na tela, um feito de tinta negra e outro maior de cor azul. Presumo que sejam 2 homens.

O azul é o homem real que na pintura parece gritar, já o homem de contornos pretos mais atrás é seu inconsciente.

A parte cinza sei que é alguma coisa muito veloz, indo em frente, passando, seguindo sem se importar com nada.

Sem se importar com o homem e seu inconsciente, sem se importar com o vermelho das unhas.

O azul e o vermelho se encontram no centro do quadro.

E o envolvimento entre eles faz um violeta.

O cinza sou eu.

Eu não sou mais uma garotinha no centro do salão.

Eu estou no centro do quadro com os braços esticados, o corpo totalmente estirado.

Estou entre o vermelho das unhas.

Estou entre o azul do homem e seu inconsciente.

Estou em cima do violeta. Estou no meio. No espaço entre.

A minha pressa é violeta, violenta.
Eu sou aquilo que passa.



BELEZA ROUBADA

Trem

Pegue um pouco do que em mim ainda importa
Suba as escadas
Passe pelo telhado
Ganhe a estrada
Vá até a curva onde há
um mar de rios afogados
Desça a escuridão
Siga inacessível, nada poderá te deter
Atravesse a chuva
Abra o cadeado
das coisas que nunca foram minhas
Vá até depois daquelas nuvens que viajam com o trem
Entre no trem. Eu estou nele
Chegue bem perto e quando eu abrir a janela
me empurre



TRILHOS E TRENS

Raios de sol

Não me interesso pelo mundo dos significados, quando estou junto às tintas.
Não escuto o que me falam.
Fico perplexa.
Coloco todo o meu entusiasmo em não saber no que vai dar.
Esqueço o que me ensinaram, normas, regras, tudo, e vou.
Vou como quem esquece a bagagem no aeroporto.
Não preciso de formas pra me comunicar.
Não me interesso pelo universo onde as coisas se parecem.
Sou tomada pelo inconsciente. Sou toda inconsciente.
Arremesso as tintas, enquanto me atiro num universo sem ordem, sem método.
Sou guiada por um enigma, me atraio pelo mistério.
Minhas perguntas se tornam muito mais importantes que as respostas.
A sujeira das tintas no meu corpo me leva aonde tudo posso. Percorro meus longes, vou por corredores antigos da memória, sinto os sentidos fluírem como flui o líquido escorrendo por tudo, deslizando, delineando as lonas.
Me vejo dentro, no centro, em torno, em volta.
A cada pincelada, alcanço o espelho onde o tempo me enxerga cada vez mais de perto.
Às vezes acho que as telas tentam escanear meus escuros, meus segredos, por isso, não se assemelham a nada, elas pretendem ser solidárias a tudo que não se pode dar nome.
Vivo durante dias em cima das lonas até o ímpeto romper as fronteiras da rotina e me alcançar do outro lado. Lado em que me deixo livre e muito bem acompanhada das minhas dúvidas, do meu passado, da minha força, com tintas acrílicas de tons laranja, amarelo, angústia, terra.
Pigmentos dourados, marrons e choros.
Quando a tela me abandonou, saí pra respirar.
Quando voltei a ela, vi com espanto alguns raios de sol!
Pintar fios de luz propositalmente eu jamais conseguiria.
Do absoluto abstrato surgiu um raio de sol, isso me alegrou.
O fato da pintura ter passado a significar posteriormente ao ato de pintar me fez lembrar de uma passagem da minha adolescência.
Lembro que eu devia ter uns 16 anos e éramos 3 amigas na casa de uma que permitiu que pintássemos “la volonté” (à vontade) as paredes da sua casa.

Recordo que separei um espaço pra mim e fiquei lá pintando por horas, quando acabei pensei: “Nossa que abstrato louco”, os traços, as cores, fiquei lá contemplando “minha obra”.

Chamei minha amiga pra olhar e fiquei prestando atenção na reação dela, que se limitou a dizer:

– Legal! A cara de um cavalo!

Eu falei:

– Cara de um cavalo?

Ela:

– É, ué, a cara de um cavalo.

Quando eu me virei pra “obra” eu tinha feito uma cara de cavalo sem tirar nem pôr! Vai entender.

Rimos muito, peguei minhas coisas e fui embora, quando ganhei a rua, senti um raio de sol entre os meus cabelos.

E o cavalo ficou lá pra sempre.



RAIOS DE SOL

Cidadezinha

Quando o trem começou a andar ela me deu o último tchau de longe. Logo depois escreveu uma palavra no ar.

Só entendi a primeira letra, A, as seguintes não deu pra entender por causa do balanço do vagão.

O trem foi sumindo e, antes de ir embora, cheguei a dar uns 2 passos ainda de costas, tentando me lembrar dos gestos que ela fez, mas não deu pra entender a palavra toda.

Os dias se seguiram por ali, na minicidadezinha, sem computador, sem wi-fi, sem celular. Um vilarejo com poucas casas, 2 botecos, um minimercado e uma estação de trem.

Por ser o único, o minimercado era tratado como um Carrefour.

O primeiro boteco era pequeno por dentro, com mesas de alumínio do lado de fora. Vendiam coisas desconexas que o dono trazia da cidade vizinha.

Havia um balcão de vidro embaçado, com pães que faziam de manhã e ficavam até a noite expostos, pacotes de balas, paçocas, coxinhas de frango.

Tinha um galinheiro nos fundos, um dia faziam galinha ao molho pardo, no outro frango empanado, frango frito, frango isso, frango aquilo, e pra fechar com chave de ouro aos domingos faziam o famoso omelete de frango.

De manhã, faziam uma panela de arroz e feijão e ficavam até a noite requentando no fogãozinho.

Indo pra casa, continuo tentando lembrar do gesto que ela fez no ar. Sim, começava com a letra A.

As letras seguintes não consigo lembrar...

Ela disse que talvez voltasse na quarta ou na quinta, mas não deu certeza. Hoje já é sexta.

O segundo boteco era da dona Nilza, tinha linguiça, torresmo e doce de leite. Eram as coisas que dona Nilza sabia fazer.

O vilarejo não tinha carros, só cavalos, charretes e bicicletas.

Uma cidade onde só se entra ou sai de trem.

O trem faz uma única parada por dia na estação e segue para o próximo destino.

Quem perdeu tem que esperar o dia seguinte ou tentar atravessar os trilhos flutuantes que passam por cima de um precipício. Só um suicida tentaria algo assim, portanto ilhados estamos.

Hoje é sábado.

A casinha do seu Euclídes, onde me hospedo, tem 3 cômodos. O primeiro cômodo é uma sala com quarto e cozinha juntos, ou seja, tem um fogão à lenha, uma cama (do seu

Euclídes), 2 mesas, uma cheia de livros, outra de refeição.

Essa separação de nada adianta, pois, sem perceber, muitas vezes comemos sobre os livros e noutras lemos por cima dos pratos de comida.

O outro cômodo, onde estou, é um miniquartinho, com uma cama e uma pia pequena, nunca entendi a pia dentro do quarto e o pior é que funciona, mas acabou virando um entulho de roupas. O terceiro cômodo é um banheiro grande, maior que o meu quartinho, com um vaso, um tanque de lavar roupas e um banco velho.

Hoje já é domingo.

Seu Euclídes me explicou que meu quartinho por ser menor seria o banheiro, por isso, chegaram a instalar uma pia, e o outro cômodo, que é o banheiro hoje, seria o quarto.

Ele me contou que quando estava perto de terminar a construção do casebre, o rapaz da hidráulica e o pedreiro foram trabalhar sozinhos num fim de semana.

Chegaram sexta-feira cedo pra trabalhar e colocaram a pia no cômodo menor, aquele que seria o banheiro, até aí estava tudo certinho, depois foram pintar a salona que tem a cozinha junto e começaram a beber.

Ficaram 3 dias trabalhando sem dormir e bebendo.

Resultado, chegou uma hora que um disse que o banheiro era no lugar do quarto e o outro concordou. Um perguntou ao outro o que fariam com a pia que estava no lugar errado (no lugar certo na verdade, mas o álcool os fazia achar que não). Deixaram a pia no quarto porque não dava mais pra tirar, apertados com a situação, pegaram o tanque que ficaria do lado de fora da casa e instalaram onde eles juravam que seria o tal “banheiro”, fizeram escavação, colocaram encanamento e meteram a privada no quarto apostando que ali seria o mictório.

Em 3 dias estava tudo pronto.

Seu Euclídes chegou na segunda-feira e encontrou os dois caídos de bêbados com mais de 3 garrafas de cachaça pelo chão.

Seu Euclídes pôs os dois pra correr, mas aí já era tarde, o dinheiro curto não dava pra mudar tudo de lugar, então ficou por isso mesmo.

Segunda-feira.

Vou até a caixinha de correio, há uma carta pra mim.

Abro.

É dela.

Uma só palavra: “Adeus”.



AMORES CLANDESTINOS

Paris – Café de Flore – Ansiedade industrial

Paris. Restaurante Café de Flore.
Na mesa, caderno e caneta.
Uma omelete e um champagne.
Café da manhã atípico.
Ainda são 11.
Fico ali escrevendo.
Toca meu celular, é ela me ligando do Brasil.
Não falava comigo desde que terminamos.
Começa um clima pesado, eu desligo.
Ela liga de novo. Ela grita. Eu grito.
Sob alguns olhares discretos desligo a ligação.
Depois desligo o celular.
Sou tomada pela minha passividade agressiva.
Meu coração bate rápido.
Um ácido crescente no estômago.
E uma ansiedade de caráter industrial.
O garçom me pergunta se preciso de mais alguma coisa, peço uma água com gás.
Vem sem gás, mas tudo bem, não preciso de mais nada borbulhando além dos meus pensamentos.
Pensamentos oriundos de todos os anos, lugares, discussões.
Confusa me questiono:
“Como deixei chegar a esse ponto?”
Nossa dinâmica que sempre foi leve como uma nuvem agora adquire 1 tera de peso.
Os fatos não fluem, se esbarram.
Ela interpreta o motivo da nossa briga de forma isolada e restrita. Como 2 + 2 são 4.
Como se estivéssemos dentro de um coágulo de incompreensão.
Como se nada tivesse havido entre nós, antes ou depois.
Pra que ela me entenda eu preciso de expansão.
Tentei juntar as pontas do mapa extenso que nossa relação compreendia.
Desde as diferenças conversadas à admiração pelo tanto que nos completávamos.

Desde o conhecimento sobre nossas origens aos defeitos que aceitávamos em nós com honestidade.

Tudo isso e também uma espécie de saudade movediça e irregular, resultado do nosso afastamento de 2 meses.

Impossível.

Impossível olhar somente um pequeno pedaço, mas também era impossível olhar tudo sem perder um detalhe sequer.

Alguém da mesa ao lado pergunta se posso ceder a cadeira à minha frente, eu não consigo responder, minha cabeça gira tanto que o fato de alguém tirar uma cadeira da minha mesa de 2 lugares me faz sentir mais sozinha.

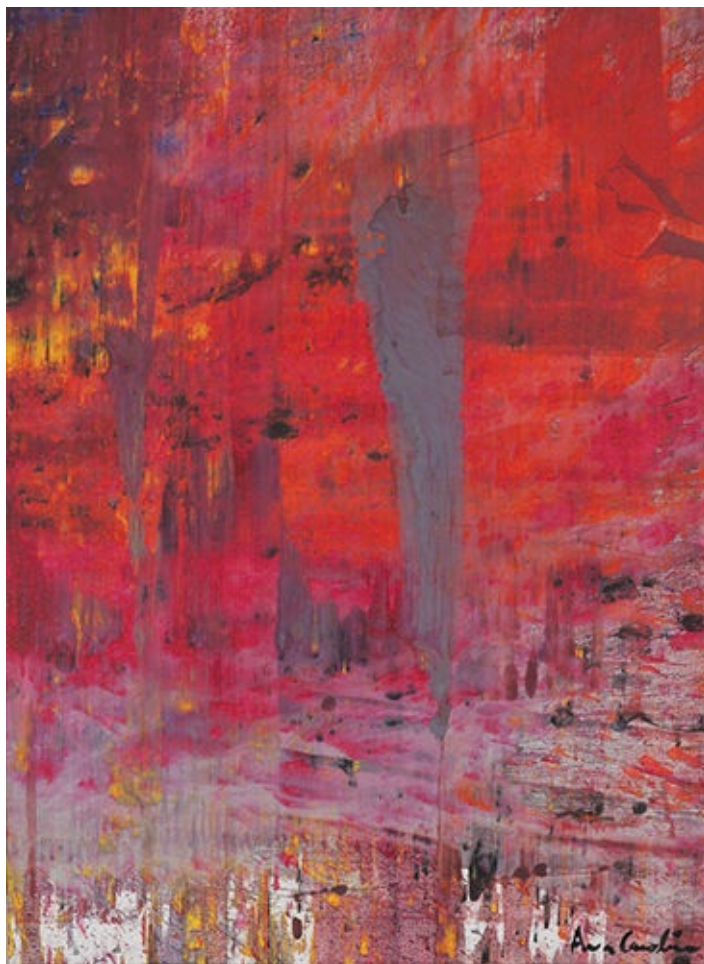
A pessoa leva a cadeira assim mesmo.

O garçom aparece, tento ler seu nome na plaquinha da blusa, Peter. Ele repõe o couvert.

Não me importo.

A memória fervilha.

Na hora em que a distância e o silêncio ficam entre o casal, na dúvida, de onde e como o outro está, a memória busca acontecimentos que jamais tocamos com palavras e até as desconfianças secretas que nunca relatamos.



ÚLTIMO VERÃO

Sou capaz de lembrar o primeiro beijo, relances de transas incríveis, pedaços de outras discussões que tivemos, porém tudo que lembro me afunda mais.

Entra no restaurante um casal, a mulher me lembra ela.

Uma fase em que o cabelo dela estava mais curto.

Recordo que nessa época estávamos fazendo dieta juntas.

Empurro o pão do couvert pra longe de mim.

Isso mais me parece uma tentativa de voltar lá na dieta antiga e me sentir de novo perto dela.

Procuro dentro dela os meus argumentos, ou quais seriam os argumentos pra tirá-la de onde está.

Preciso desesperadamente fazer com que ela me entenda.

Mas meus argumentos são meus, não encontro nada dela neles, e, o pior, envolvem problemas pequenos que foram se entulhando entre nós. Probleminhas que fingi não ver pra não causar ruídos.

Afinal o relacionamento andava tão bem, pra que importuná-lo com pequenezas.

Na hora certa eu não falei o que sentia.

Mas o que é essa tal “hora certa”?

Hora certa de desabafar um incômodo é no instante em que ele foi causado?

Só para ter mais razão?

Quando deixamos passar muito tempo depois que algo nos magoou, ficamos distanciados do acontecimento a ponto de deixar o outro usar do “esquecimento” para dizer “também não foi tanto assim” e diminuir ao máximo a importância do fato.

Aí minha função passa a ser convencer o outro de que lá atrás ele me magoou sim e foi desgastante pra mim, mas o outro nunca quer ver.

Agora tenho um caminhão de coisas pra relembrar, ruminar, digerir e interpretar para enfim conseguir me fazer entender.

Tento colocá-las em ordem cronológica, pra deixar tudo mais claro.

Como ser clara?

Clareza é conseguir enxergar todos os fatos, independente de quais argumentos o outro está usando, pois os argumentos do outro dizem respeito ao outro com suas carências, defesas, ansiedades etc.

Separar os acontecimentos que causaram a briga, de modo isolado, pois cada um tem um valor maior ou menor. Depois enxergar todos juntos acumulados numa bola de neve.

Somente depois será a hora de interpretar o enlace dos fatos junto com “a personalidade do outro”. Esse outro que você conhece, ama e tem defeitos. E

lembrar que não existe verdade, existe interpretação dos fatos.

Preciso primeiro entendê-la (sem nenhuma obrigação de perdoá-la), somente entender seus reais motivos pra que ela fique calma e depois explicar como interpretei a briga, pra que ela veja que eu também me magoei e tive motivos.

Sem pré-conceito.

Mas por telefone?

Como conseguir dizer tudo sem que ela me interrompa com uma questão isolada, da qual terei que me defender e gerar a ansiedade que faz com que eu nunca me explique direito.

Se eu escrever, as palavras podem perder a força da entonação.

Chego à conclusão que não posso concluir nada.

Nem ter calma.

Ligo pra companhia aérea e mudo a passagem de volta pra hoje, para ir ao encontro dela.

Chego no aeroporto.

Toca o celular.

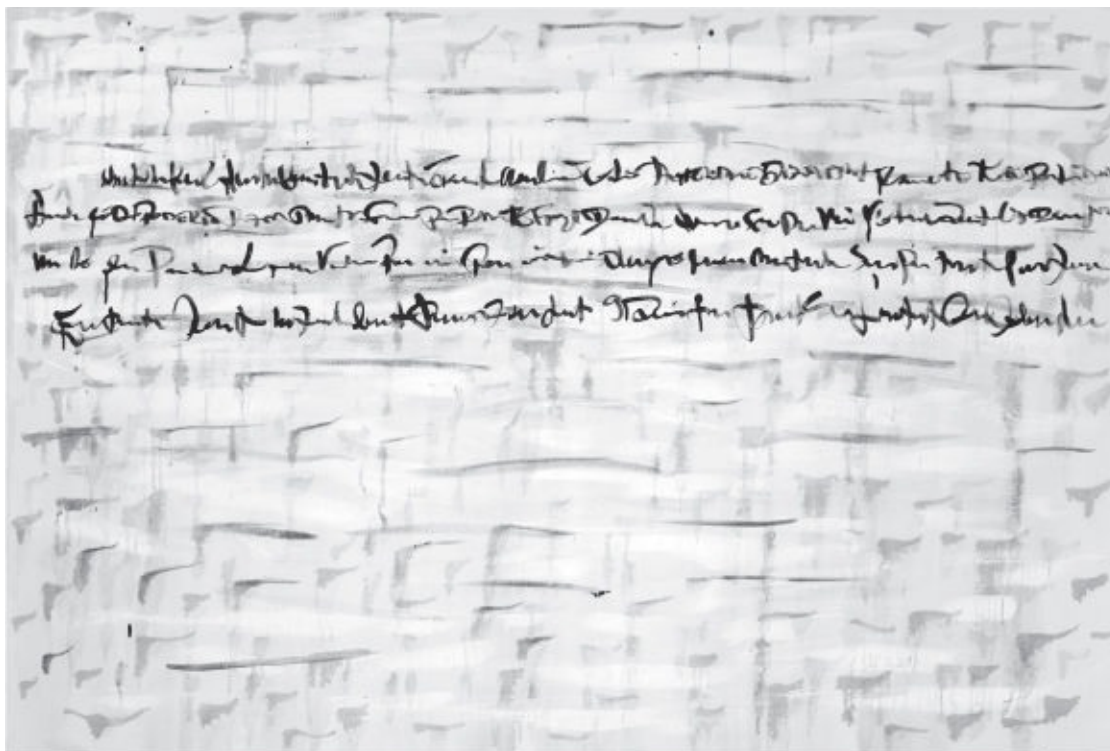
Ela.

4 horas de conversa.

Perdi o voo.

Fizemos as pazes.

O que diríamos se nos encontrássemos agora?



CARTAS PARA ANTONIO MELGAÇO

O silêncio

Ele me teve nas mãos enquanto eu ainda era recém-nascida.
Ele não me esperou crescer.
Quando ele me segurou na maternidade, fui culpa.
Significante de uma traição.
Ele teve dúvidas se aquele bebê era seu.
A dúvida lhe acometeu, quem sabe, para lhe dar um certo conforto.
Em pouco tempo ele morreu. Trombose.
Já mais grandinha minha mãe me explicou.
Você não tem pai, ele morreu.
Você tem 2 irmãos.
Seu pai era casado.
Eu prometi a ele que jamais alguém saberia sobre você.
Vamos ficar em silêncio você e eu.
Minha infância foi em silêncio.
Minha adolescência foi em silêncio.

Na imaginação eu passei a forjar sua existência.

Em algumas ocasiões imaginava que ele me protegia.
Me protegia dos perigos e me dava boa-noite antes de dormir com um beijo na testa.

No colégio quando era Dia dos Pais, fazíamos um mural onde cada criança desenhava ou escrevia algo para o pai.
No final da aula os pais iam ver e bater palmas.

Eu não tinha ele pra ver.
Aos 24 anos recebi uma ligação, do outro lado era a irmã que não conhecia.
Ela havia acabado de saber da minha existência.
Ficamos amigas para sempre.

Eu trago em mim uma parte do meu pai para protegê-la.
E ela carrega consigo uma parte do meu pai para me proteger.
Enquanto uma de nós estiver viva ele também estará.

Outubro

Ela me pareceu incrivelmente inteligente e rápida.

Era escritora.

Devia ter uns 30 anos.

Suas pernas reluziam na saia.

O sol da tarde caía por trás dos montes e passava por entre os cabelos dela.

Cerveja gelada na mesa e umas 10 pessoas sentadas conversando naquele bar de rua de alguma cidade na Europa.

Ela sentou quase na minha frente.

Eu não sabia sequer o seu nome, mas tentava ler alguma coisa nela.

Notei que conversava agilmente com seus amigos ao lado.

Me olhou de rabo de olho 2 vezes. Na segunda sorriu.

O que me acendeu não foi o fato dela sorrir, foi a olhadinha pra baixo depois do sorriso, como se tivesse ficado tímida de repente.

Os raios de sol transpassavam os ombrelones, enquanto eu conversava com os outros, mas meu pensamento não se desfocava dela.

Passaram-se 2 horas, e eu nem vi passar.

Deu a hora de ir embora.

Não tinha cabimento algum pedir seu telefone pois o namorado estava lá sentado do outro lado da mesa.

Ouvi ela dizer em sua língua que não gostava de redes sociais.

Tinha horror.

Eu nunca mais a vi.

O sol daquela tarde me queimou durante anos.

A selva

Eu vivo em meio a um movimento que me inquieta, como o balanço de um barco a motor enfrentando a correnteza que é meu pensamento, com suas inundações e seus naufrágios.

Corro pensando que ainda há tempo, talvez meia hora, mas não há.

O portão e as paredes altíssimas me prendem dentro das minhas memórias, cheias de poeira, como aquelas que se instalam sobre a mobília.

Estou presa numa casa velha que é meu passado, onde as escadas rangem ao menor passo, os ponteiros demoram a girar, onde eu instalei minhas certezas enclausuradas.

Não quero dizer pra pessoa que fui que ela não me serve mais e me distraio ao perceber que não é uma casa, é muito maior, é uma selva. Sim, posso perceber a floresta densa...

Meu passado são raízes que se espalham, crescem assombrosas, firmes e fixas, me prendendo a elas, atrapalhando o meu futuro.

Armo uma briga de trincheira comigo, me vejo discutindo com meus argumentos, argumentos que, juntos, constroem um ser intermitente que eu acabei me tornando e não quero mais.

Sim, essa persona é como uma selva, uma selva muito escura a me dominar, com suas folhagens grossas, caules espessos, troncos intermináveis que só crescem e eu não vejo onde terminam. Assisto impotente ao crescimento dos galhos aglomerados, misturados, que nem o meu forte desejo de mudar poderá salvar.

Existem algumas fronteiras, eu sei, e é com elas que poderei contar, vou atravessar um rio, e lá numa aldeia escutarei o ladrar dos cães, embora eu saiba que os cães são meus e latem pra mim.

De aldeia em aldeia, alcanço a minha calma, minha calma que agora é um facho de luz a me servir de guia.

Tem horas, desconfio que me acalmo por ter medo do que virá, pra que eu me demore e não me assuste comigo mesma já lá do outro lado da margem.

Encontro algumas anotações que fiz, mas não consigo ler, pois estão em outra língua, que não conheço. Mesmo assim as palavras me assustam por não sabê-las.

Misteriosas parecem mais intensas e comprometedoras.

Eu enfrento meu próprio desejo destacado de mim.

Como se não houvesse antes nem depois, nem dentro nem fora, a selva sou eu. Está em mim.

Eu a vejo, mas não vejo meu vazio, só o meu desaparecimento me vê.

Melhor não pensar, se ainda não sei o que procuro, só existe essa sensação de que vim de muito longe e o mundo fez uma pausa: minha angústia se encontra com meu arrependimento.

2 criaturas que vivem em mim e vão como tornados derrubando tudo por onde passam.

Às vezes tenho a sensação de que nunca dei um passo, foi a selva que girou, foi minha vida que mudou de lugar e eu estou desde sempre parada aqui.

Às vezes acho que a selva se apressa em fugir da minha presença.

Às vezes me sinto ingênua, pois estou sendo empurrada pra dentro, pra que eu me perca no breu.

Mas algo em mim não se incomoda em andar quilômetros às cegas, porque a escuridão sempre esteve ao meu lado e não haverá nenhum silêncio a me atordoar porque todos hão de ser menores que o meu próprio silêncio abissal.

À minha volta consigo sentir a respiração dos monstros meus.

E vou treinando para me salvar dos perigos que eu mesma hei de criar. E deles me acrescentar.

Tento tocar minha consciência e ela finge não ver ou, pior, talvez não me reconheça de fato.

Exausta encontro um lago, bebo depressa a água que já vai secar.

Levanto-me e sigo o atalho mais estreito em busca de uma revelação. Juntando fragmentos, à espera de alguém que os reúna e encontre um sentido...

Mas se meu desejo se estende pra um lugar longínquo não poderei esperar que me salvem.

Deve haver alguém que saiba porque parti pra tão longe.

Alguém que traga notícias dos meus enganos.

Mas não há ninguém, só uma música estranha me inquietando os nervos...

O dia é um grande clarão e eu vou como quem desliga o avião em pleno voo.

Talvez o importante mesmo seja não ver nada.

Mas como, se preciso correr?

Quando penso ter chegado ao fim, a selva se multiplica e me desequilibra.

Penso em encontrar uma solução, mas as palavras me chegam com atraso... A escuridão contínua são minhas angústias que se atraem por qualquer pensamento assustador.

Beber a água já não me parece normal, o rio foge, me sinto estranha, não quero as mesmas coisas que todos parecem querer. Procuro o que afinal?

O espelho da água me suga e luto com meus traços, tento acertar meu rosto, mas a mão vaza do outro lado e afoga uma velha em mim.

Isso me pareceu normal e instintivo. Não tive um choque ou susto.

O nível do rio se eleva e eu não sei mais se conseguirei voltar.

Começo a chamar nomes de pessoas que conheço.

Quando pronuncio certos nomes, o rio aumenta mais seu fluxo e não consigo parar de dizê-los. São nomes de infância, são nomes de amigos, nomes de familiares.

A memória gira, me sinto louca ou talvez a soma dos ruídos da selva me confunda ou talvez haja alguma outra significação pra tudo isso.

Lembro-me criança brincando sentada no chão do quintal e minha mãe chegando com sua sombra que me cobria inteira. Trago comigo essa sombra mesmo depois de muito tempo. Quando estou mal ainda posso ficar debaixo dela.

Escuto um zumbido e consigo ouvir cada pequeno rumor da floresta, distingui-los passa a ser minha distração... E os nomes continuo a dizê-los, agora dos pais dos meus pais...

No meu pensamento consigo, sempre que quero, desmontar o relógio da sala de meus avós que descansam na velha fotografia, mas nunca consigo voltar os ponteiros a ponto de acordá-los.

Encontro um abrigo, onde tudo recua. Madrugada, mesmo afastada a floresta me vê, querendo ler em mim o segredo, como se eu pudesse guardá-lo.

Minha raiva é uma foice muito antiga, já não corta.

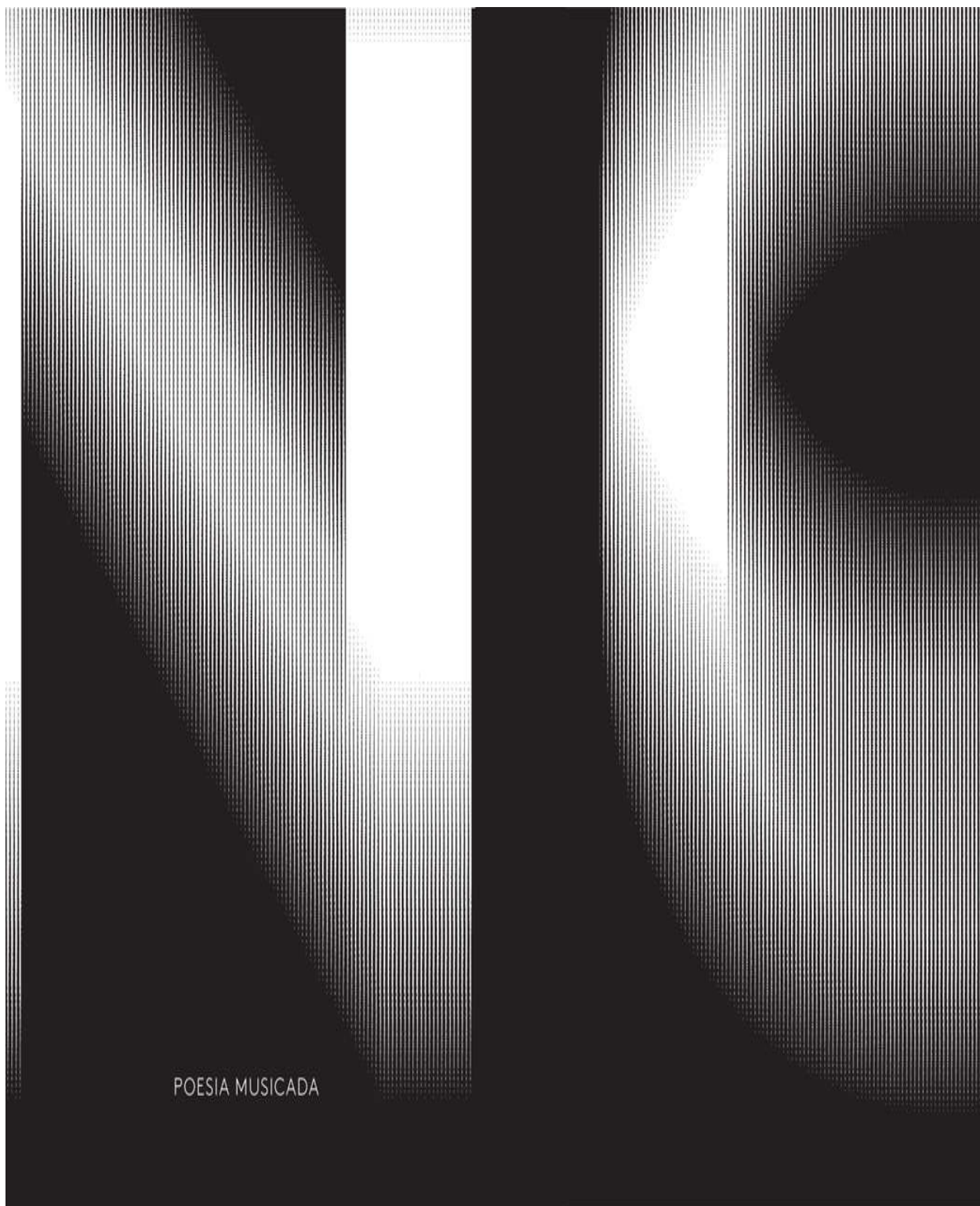
A neblina passando em torno a mim, faz o percurso perfeito preenchendo espaços ociosos e estéreis, só não preenche minha dor.

Minha dor é um terreno vazio onde sempre há a promessa de tudo caber e doer.

Minha dor é um espaço onde posso furar um poço e jogar nele minhas frustrações, mesmo sabendo que na hora da sede mais terrível eu terei que voltar ao poço para beber e, com isso, engolir um a um os sonhos que não realizei.

A selva se cala.





Velho piano

Quero queimar meu navio
Deixar a corda no rio
Na cinza da estrada
Nada
Na água escura
Nada é loucura
Nem Deus me espera
No meio das pedras
Vou me afogar
E ir onde está
Um velho piano
E um homem tocando
Há muitos anos no fundo do mar

Qual é?

Marés muito altas, lucros omissos
Um fio, um talho na mão
Poemas, derrotas, margens de risco
Um Rio afogado em seu vão

Eu googleísmo, ateu, hinduísmo
Persona, sou quem eu quiser
No meu, seu abismo, cinismo
Eu mando meu tchau, meu adeus, meu até
Qual é?
Qual é?

E roda a sua vida, seu papel
Mas sabe de si ser seu próprio vilão
No giro contrário do seu carrossel
Um vinil de pós-rock alemão

Olhando o mundo lá fora
Vai perceber que nunca soube quem é
Dentro do corpo em que mora
No morro da penha ou no museu Dorsay
Qual é?
Qual é?

A origem do mundo ou a parada gay
O seu pranto, seu líquido sal
Um filme da fatalidade da vez
Ou a banalidade do mal

Amores no shuffle
Ou no banco de sampler
Não vão batucar na colher
Alô criatura do seu próprio buffer
Não sabe o que é samba no pé
Qual é?
Qual é?

Atrasado o Brasil faz sua fama
Só o preconceito esse nunca atrasou
Vestindo um Dolce & Gabbana
Um político vota contra o nosso amor

Aí já é tarde e sem lei
Rodou de pai pra filho, o mesmo que é
Ensinou a chacina não gay
Babaquice passou de mané pra mané
Qual é?
Qual é?

Zerar seus traumas e enganos
É dor que dói anos e não se desfaz
Pedacos de vida, lembranças
A gente não escolhe o que a memória traz

E desce a enxurrada da história
Manadas de putas, um ciber café
Em Andaluzia meu guia
Cuidado que o touro é quem grita olé
Já é
Já é

Corre mundo, ferro e fogo
Nas frestas do século enxergo através
Das dores que doem de novo
E lá vem Lacan nos olhar de viés

Na Lapa yo soy marco zero
De samba a bolero eu dou meu rolé
Desejos com data marcada
Essa gata ainda vai me beijar se eu quiser,
Já é
Já é

Um filho, ATO FALHO, uma trilha
Um atalho, embrião, sem coração, sem rim
Na esfera de ser quem eu era

NÃO ESPERO DO MUNDO UM FUTURO SEM MIM

Protege seus santos na bolsa
No metrô São João, Sebastião, San Mareais
Na cruz um traveco outra boca
I don't know Maria wi-fi São José
Já é
Já é

Sou Carmem sou berenguendéns
Sou eu, meus seguidores, vã conexão
E ninguém pergunta a ninguém
Já disseram mil vezes que sim, só que não

Sou eu meu clã, meu divã
Sou homem, sou meu mito, sou minha mulher
E SE não gostar que se mande
Eu repito
Porque eu sou quem bem eu quiser
Já é
Já é



SOM / Ruído branco

Sonata de cellos para indecisos
Militar na corneta a tocar no coreto
Caixinha de fósforo para os aflitos
Concerto de harpa pros desacertos

Batucada de alfaias para os novatos
Tambores rufando para os traídos
Compasso ternário para os gaiatos
A voz do GPS para os perdidos

Pra lavar a roupa, o som da bacia
Pro vazio, virada de bateria
Para distraídos, só caixa e bumbo
Um ruído branco pra todo mundo

Para excêntricos, som de fagote
Pífanos uivam para os ciumentos
Som de Whatsapp para a resposta
Uma valsa antiga para o casamento

Som de vinil para os modernos
Som de Nintendo 3 para os nerds
Som de oboé para os inseguros
Som eletrônico pra dançar duro

Bate-estaca para os que estão só
Som de abrir lata pro vagabundo
Bate-coxa e sanfona para o forró
Ruído branco pra todo mundo

Guitarra elétrica pros barulhentos
Com pedaleira para os decididos
Guitarra flamenca para as bem-amadas
Desafinada pra as mal cantadas

Ária em maior para idealistas
Apito de guarda para os ruins de roda
Apita o juiz o fim da partida
Dj drum bass pro desfile de moda

Trumpete e surdina para os sonhadores
Som de vó roncando para os insones
Um sampler com som do mar profundo
Um ruído branco pra todo mundo

Flauta doce pra fazer um lifting
Um tango pra tristeza enganar
Som urbano pra quem usa piercing
Gaita de fole pra quem quer chorar

Baixo fretles pros destemperados
Som de sirene para os larápios
Piano de cauda pros apaixonados
O som do silêncio para os mais sábios

Para estudiosos, canção atonal
Cajón e djembê pra tocar em conjunto
Para os foliões, marcha de Carnaval
Ruído branco pra todo mundo

Para as rezadeiras, o soar dos sinos
Para os desiludidos, um samba-canção
Música clássica pros eruditos
Diapasão para afinar a discussão

Zumbido de abelha para apicultores
Som de trovão para o firmamento
Para os ritmistas, som de tambores
Para os velejadores, o som do vento

Barulho de concha para os românticos
Para os bebês o som dos cânticos
Todos os sons tocando juntos
Ruído branco pra todo mundo

A pele

A pele do corpo
A pele do fundo
A pele do medo
Ocidental

A pele do Oeste
A pele do mundo
A pele do dedo
A digital

A distância da pele,
wi-fi
Tatuagem com nome
do pai

A pele do rosto
que cora
O resto de uma
catapora

A pele que fica,
envelhece
A pele que enruga,
que cresce

A pele, superfície da moda
Bolsa com pele de cobra
Na pele da invenção, a roda
A pele do morto é morta

Do dedo,
a pele cutícula
A pele do filme,
película

A pele

molhada no box
A pele
do rosto Botox

Agulha na pele,
costura
A pele que estica,
a altura

A pele
que é ímã, combina
A pele
com sarda, menina

O arrepio do pelo
no frio
O cheiro da fêmea
no cio

A pele colada na blusa
Na pele da pedra,
a medusa

Na pele do Alasca,
neve
A pele que esquenta,
é febre

A dor do caminho,
no calo
A pele do bicho,
o rabo

A pele que muda,
transmuta
A pele presencia,
sacia

A pele testemunha
a unha

E a mão
a espada que empunha

Não vale a pena o que não vale a pele

Pra pele que transpira, leque
Pra pele da careca, quepe

Pra pele do pneu, estepe
Na pele da Jamaica, reggae

Na pele da folha, clorofila
Do Abaporu, Tarsila

Do motoboy, mochila
Na pele do bebum, tequila

A ruga é a expressão que fica
Na pele da balzaca, trinta

Troca de pele o trapaceiro
É lobo em pele de cordeiro

Não vale a pena o que não vale a pele

Na pele da pedra, ametista
Na do fósforo, faísca

Na pele do adeus, quem fica
Na pele do ladrão, a listra

Na pele do muro, grafite
Do homem bomba, dinamite

A cicatriz da pele que rompe
A pele é a carcaça do bonde

Viciados em autoflagelo,
a pele coberta de gesso

Viciados em furar a pele
vendem a pele por qualquer preço

Não vale a pena o que não vale a pele





POESIAS ESCRITAS ENTRE 11 E 12 ANOS

POESIAS ESCRITAS ENTRE 11 E 12 ANOS

O PÉ

A parede começa do rodapé
O mamão vem do pé do mamão
O abacate do pé do abacate
As observações estão no pé da página
O mundo não tem pé nem cabeça
Mas o amor usa sapatos e deixa sempre

rastro no peito da gente.

A QUESTÃO

Será que existem almas penadas
na mesma quantidade
dos sepulcros?

7 Remova um
seu
chapéu

DA MAIOR INOCÊNCIA

estamos cada vez mais leves e atentos
mais exatos. NEUTROS E SENSIVEIS.
O segredo não existe fora do corpo
Um chapéu não faz sentido fora da cabeça
A cabeça faz sentido sem o chapéu.
e pensaria no seu ombro
PORQUE ASSIM SERIA SEM SENTIDO.
E estes versos são mesmo da maior inocência

meu caro leitor.

AS PLACAS

A placa que diz: NÃO FUME, foi
feita para quem
não fuma



O Relógio

Padeço então a forma de mulher enrugada
Mas sinto mesmo é aqui na falha dos cabelos
...mal deu tempo de abrir a porta e te vi partindo
maldita porta

era o beiral do fim
o rio tem margens ~~desesperado~~
desesperado vai em frente

rejeito as formas

e As rugas,

quanto antes

~~abomino~~ os colágenos

~~lembre-me~~

daquela mala velha...seus rasgos me remetem as rugas
Ora bolas!

Essas rugas
estão mais dentro de mim do que fora
e não me valem de nada

peis arrenecei os espelhos
da casa no quintal
e nunca vou até o quintal
compadeço então

a esta casa velha
aos carunchos comendo as portas
este lar enrugado

o qual eu já faço parte
cada lamparina cada retrato
...o relógio continua na mesma posição
meu amor...

os penteiros partem como você e voltam ao meio-dia
olho para o relógio

2:30

você não volta nunca

~~seu~~ sua bengala azul

está ainda do lado da janela
aquela janela...você chegava na para peito e dizia:
_Otacília até agora nada!...quando eu me demorava.
Ha'Há Há lembre-me de todos os seus amigos
e você me dizia que eu não havia de esquecê-los →

então
até que me deram
um NOVO
aspecto

→ continua...

O Mário Acácio, o Lenoel, o Alípio, Delmiro e o
Miranda

sempre me filava cigarros
sofria de um terrível pigarre
...Há meu Deus e essa casa e essa poeira e
este assoalho... me faltam forças...

seus amigos devem estar enrugados
se é que estão vivos

...agora já são 3:00
rejeito então as farnas
vou até a cozinha

defumada

...tomar água nas tijelas.

3:12.



Eu arranhei o quadro de Adélia
E ela ainda nem viu
Foi um risco bem no meio das florzinhas
de quadro de Adélia
Então rezo meu Deus
me perdoe Adélia
me perdoe Deus por não ter coragem de dizê-la
é o único e inédito quadro de Adélia

(assinei meu nome junto com o da Adélia)



ESTA é a orelha do livro

PSIU....

fala baixo
se não ela
escuta
tudo

TUDINHO...

Espermatozoides e etc...

23

no maior tesão

FE CU ND IDADE

FECUNDIDADE

FE' CU' A NDAR FE' DAR

fenda

Café e etc.

depois

O ESPAÇO

Eu estou aqui sentado
nesta cadeira que está na sala
do apartamento 302
do prédio em que moro
que fica perto do super-
mercado
que sempre compro fubá
que fica na terceira
prateleira
perto do feijão
que a dona compra e colhe na peneira
que fica pendurada atrás da porta
por onde o marido entra
e se instala em frente a televisão
que emite mensagens
que estão muito
longe
da peneira, do fubá, do feijão
e de mim que estou aqui
sentado nesta cadeira.

te imagino um pensamento mel concluído
como duas horas faltando pra ser preso
ou um dia eterno nublado
nublado dos olhos
uma aposta que não se perde não se ganha
um pedaço de bagana
e as vezes rio como o mendigo juntando as notas
te imagino neutro e sensível
uma obra de arte
ou o que sobrou de rele de esparadrape
te imagino incalculável você dentro de você
imprevisível tal qual uma fotografia
te espero como se espera um transeunte atravessar
te espero por não saber a quem esperar
imprevisível como revelar fotografias
eu lhe aguardo como um castelo frio e morto
te espero uma calça desfiada
um menço
e suas cartas de baralho
crente que existe ouro ao findar o arco-íris.

Me escreve cartas com o destinatário que sou
 escrevo em outra língua
 como se num delírio
 e vou me contando todas as coisas que não disse
 pra você
 Jogo este poema num calvário
 de maneira que veja
 quando nasci não veio um anjo torto
 veio um timbre rouco até minha garganta
 minha glote agora trêmula
 e vibrante no fim da frase
 esquecer
 esquecer é um delírio
 é a ausência que nós preenchemos com outra
 ausência
 ausência se joga num calvário
 as lírios e as lágrimas
 terás pena ao me ver cherando sozinho
 com a ponta afiada dos cílios
 me escreve sendo eu o meu
 próprio destinatário
 engule as lágrimas uma a uma
 meus olhos serão carta selada
 não te farão sofrer nunca nunca
 meu coração é uma pedra
 de calcário.

Afaste tua face, teu Deus, tua tintura, seus panes
 que tuas roupas jogarei num calvário
 Se moras comigo
 então vê se me escreve
 para que eu não seja mais o nosso
 único
 destinatário.

sapato velho nem sempre é
sina! de andar muito

30

e as formigas não mordem a língua
do tamanduá

alface costuma ter minhoca
na cabeça



beca fechada
comanda o silêncio

vagalume é discoteca
no jardim

as pessoas podem ter o humor de
segunda-feira na terça se por acaso
segunda for feriado.

12:30 um penteiro de mal com o outro

au é a língua
do cachorro

enchendo a
língua

viajar é só
mudar de espaço

morto não pode ser muito
ou pouco morto e vivo pode ser
muito vivo.

opaco é um brilho
pra dentro

a rosa é a árvore da formiga

órfã é a pessoa cujo os pais estão
mortos. Minha avó é órfã?

O chão de segundo andar é o teto do primeiro



outros
jeitos
de usar
a boca
rupi kaur

1º lugar na
lista de mais
vendidos do
*the new
york times*

 Planeta

Outros Jeitos de Usar a Boca

Kaur, Rupī

9788542209426

33 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maior fenômeno de poesia dos EUA na última década, há mais de 40 semanas no topo das listas de best-sellers *Outros jeitos de usar a boca* é um livro de poemas sobre a sobrevivência. Sobre a experiência de violência, o abuso, o amor, a perda e a feminilidade. O volume – publicado nos EUA como "milk and honey" – é dividido em quatro partes, e cada uma delas serve a um propósito diferente. Lida com um tipo diferente de dor. Cura uma mágoa diferente. *Outros jeitos de usar a boca* transporta o leitor por uma jornada pelos momentos mais amargos da vida e encontra uma maneira de tirar delicadeza deles. Publicado inicialmente de forma independente por Rupī Kaur, poeta, artista plástica e performer canadense nascida na Índia – e que também assina as ilustrações presentes neste volume –, o livro se tornou o maior fenômeno do gênero nos últimos anos nos Estados Unidos, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos.

[Compre agora e leia](#)

PJ PEREIRA

AMÃE,
A FILHA E
O ESPÍRITO
DA SANTA



Planeta

DO AUTOR DA
GÊNIE BEST-SELLER
DEUSES DE
DOIS MUNDOS

A Mãe, a Filha e o Espírito da Santa

Pereira, PJ

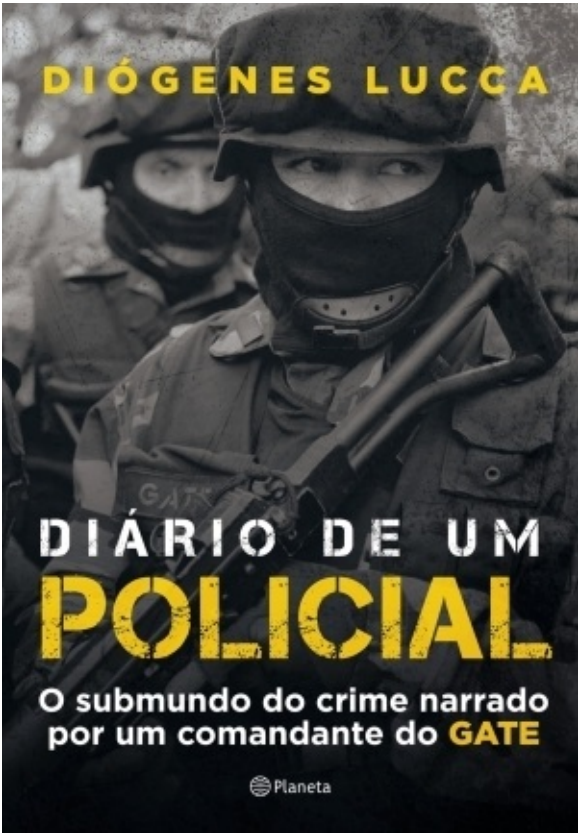
9788542210095

434 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do mesmo autor da trilogia best-seller Deuses de dois mundos, o romance A mãe, a filha e o espírito da santa é uma fábula de fé e manipulação, e também um thriller sobre a desvairada religiosidade brasileira. O primeiro anjo deu a ela o poder da palavra. O segundo, o dom do milagre. E o terceiro, que sentiu pena da menina, ofereceu a escolha. Foi aí que danou-se tudo. Inspirado por casos reais de abuso religioso ao redor do mundo, o escritor PJ Pereira volta agora com uma história sombria, violenta e por vezes engraçada do despertar de uma mulher que, conforme relatos, foi anunciada pelos anjos como a nova Messias. A história começa na cidade maranhense de Codó, onde nasce Pilar, filha de uma mãe de santo do terecô. De lá, segue rumo a Brasília, onde conhece o misticismo new age e as igrejas evangélicas, e chega a São Paulo para se tornar a líder espiritual mais poderosa do país.

[Compre agora e leia](#)



DIÓGENES LUCCA

**DIÁRIO DE UM
POLICIAL**

O submundo do crime narrado
por um comandante do **GATE**

 Planeta

Diário de um policial

LUCCA, DIÓGENES

9788542207125

138 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um "tropa de elite" de verdade Pouca gente no Brasil conhece a mente e o comportamento de um bandido tão bem quanto o tenente-coronel Diógenes Lucca, hoje na reserva. Em 30 anos na polícia militar, boa parte no comando do Gate, ele participou de mais de 100 negociações para soltura de reféns. Neste livro, Lucca conta os bastidores dessas negociações e revela, em detalhes, casos que marcaram a história policial do país: os sequestros do empresário Abílio Diniz e do apresentador Sílvio Santos, a invasão no Carandiru, o caso Marcola e as rebeliões do PCC, entre outros. Muito mais do que um livro de memórias, Diário de um policial é um thriller de verdade, tão recheado de adrenalina que é impossível parar no meio.

[Compre agora e leia](#)

YANIS VAROUFAKIS

EX-MINISTRO DE FINANÇAS DA GRÉCIA

CONVERSANDO SOBRE
ECONOMIA
COM A
MINHA FILHA



Planeta

Conversando sobre economia com a minha filha

Varoufákis, Yanis

9788542206500

132 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conversando sobre economia com a minha filha, escrito pelo economista grego Yanis Varoufákis, tem o principal objetivo de levar ao público jovem um texto sobre economia esclarecedor e que aproxime os adolescentes desse tema tão central e importante na sociedade.

[Compre agora e leia](#)



Quando nasceu
conheci depois de muitos
anos, quando eu estava de-
volvendo para o Brasil
um livro de
uma amiga.

AMOR ENTRE GUERRAS

Marianne Nishihata

O romance entre uma carioca e um japonês,
que lutou pelo Brasil na 2ª Guerra Mundial

Planeta

Amor entre guerras

Nishihata, Marianne

9788542206579

301 páginas

[Compre agora e leia](#)

Esta poderia ser a sinopse de um filme de Hollywood, no entanto é a história real do japonês Tomiyo Yamada, um soldado da FEB, e da carioca Ilma Faria, separados pelo ciúme, pelas diferenças raciais e, por fim, pelo horror da Segunda Guerra Mundial. Mas o amor tudo vence.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

Poesia

[Não leiam](#)
[Onda](#)
[Eu e eu](#)
[Desejo](#)
[1992](#)
[Voo](#)
[Alguma explicação](#)
[Outro](#)
[Salto](#)
[Pra ela](#)
[Suíça \(passaporte\)](#)
[Acidente 2001](#)
[Sonho](#)
[Andaime](#)
[Seca](#)
[Fora de hora](#)
[Samba](#)
[Telefone fixo](#)
[Meu problema](#)
[Palavras](#)
[Rotatória](#)
[Discretamente](#)
[41 anos](#)

Prosa

[Firenze](#)
[Meias-irmãs](#)
[Ausência](#)
[Amsterdã](#)
[Beleza roubada](#)
[Trem](#)
[Raios de sol](#)
[Cidadezinha](#)
[Paris – Café de Flore – Ansiedade industrial](#)
[O que diríamos se nos encontrássemos agora?](#)

[O silêncio](#)

[Outubro](#)

[A selva](#)

[Poesia musicada](#)

[Velho piano](#)

[Qual é?](#)

[SOM/Ruído branco](#)

[A pele](#)

[Caderninho](#)

[O pé](#)

[A questão](#)

[Da maior inocência](#)

[As placas](#)

[O relógio](#)

[Orelha do livro](#)

[Espermatozoides e etc...](#)

[O espaço](#)

[Sapato velho](#)

[Enchendo a linguaça](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)